

teme que a crise leve à revolução social

Bulhões

Jornal de Brasília

São Paulo — "O meu temor é de que o público perca a paciência e promova uma revolução social". Desta forma incisiva, o ex-ministro da Fazenda, Octávio Gouvêa de Bulhões, expôs ontem a sua tese de que o povo está cansado de viver sob uma política econômica que não combate a inflação, e aceitaria de "bom grado e contentíssimo" uma estratégia de rápida redução da taxa inflacionária.

— A situação econômica atual piora diariamente, e só favorece a especulação e o furto. Caminhamos para uma depressão, bem pior que a atual recessão. O Brasil já é um país civilizado, e nenhum país civilizado pode conviver com uma inflação de 150 por cento. Israel convive porque jogam bombas lá, e não estou sugerindo que joguem bombas aqui — comentou bem-humorado o professor Bulhões, em entrevista coletiva à imprensa, que se seguiu à palestra por ele proposta no almoço mensal da Câmara de Comércio Brasil-Alemanha.

Segundo o economista, o Brasil não pode mais conviver com a anarquia atual, sob pena de a agitação social constituir o principal dado no quadro nacional. Reiterou que a sua proposta de eliminação radical da inflação não trará recessão e desemprego maiores do que hoje, ao contrário, irá preparar a economia para voltar a crescer, com base não mais na ênfase do consumo, mas na prioridade da produção, não mais na especulação financeira mas no investimento produtivo.

A inflação cairia com a eliminação da expansão do crédito. O professor frisou a palavra "expansão" porque não quer a redução do crédito, pois a sua idéia é de que a disponibilidade de concessão de dinheiro, seja a mesma, sem expansão. Além desta medida a base monetária teria que ser contida.

Didaticamente, ele explicou que a base monetária, atualmente usada para financiar o déficit público, junto com o open-market, deve crescer menos que o Produto Interno Bruto (PIB). Menos que o PIB porque os meios de pagamentos são outro fator inflacionário, a ser observado. Como o PIB atual é negativo, não se admite nenhum crescimento.

— O governo combate os efeitos e não as causas da inflação. Estamos nos iludindo com paliativos. Desta forma, carece de força moral para negociar com os credores externos. As autoridades econômicas merecem confiança, porque são competentes e capazes. Mas já simto no povo uma descrença séria sobre a política econômica — assegurou Bulhões, para quem o governo deve negociar "elegantemente" com os banqueiros, mas, para tanto, precisa antes ajustar a economia.

Não é o radicalismo na supressão da fonte geradora da inflação o provocador da depressão e sim o combate aos efeitos inflacionários — garantiu o economista.